

A dança do lundum e seus significados: um diálogo entre dança e educação

La danza lundum y sus significados: un diálogo entre la danza y la educación

Carlos Cristiano Espedito Guzzo Júnior
Rosie Marie Nascimento de Medeiros
Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN
Natal- Rio Grande do Norte-Brasil

Resumo

Neste artigo apresentamos como objetivo refletir sobre os sentidos da dança do lundum, em seus aspectos culturais e simbólicos, no sentido de contribuir para o aprofundamento e a valorização das danças das culturas afro-brasileiras e seus significados para Educação focalizando os diálogos possíveis entre essas duas áreas do conhecimento. A pesquisa foi desenvolvida através de material audiovisual e fotográfico, somados aos discursos de pesquisadores servindo como fonte de informações. Utilizamos o método fenomenológico merleauPontyano inspirado sobre o mundo vivido para a compreensão dos fenômenos, partindo da ideia de que o corpo, o gesto e o conhecimento estão sempre em movimento. Por fim, acreditamos que essas experiências vivenciadas no contexto escolar a partir do universo da cultura, da arte, de suas simbologias mostram-se um campo rico de experimentações e diferentes olhares da realidade sociocultural para os sujeitos sendo esta uma das tarefas da educação.

Palavras-Chave: Dança; Cultura; Educação.

Resumen

En este artículo, nuestro objetivo es reflexionar sobre los significados de la danza lundum, en sus aspectos culturales y simbólicos, con el fin de contribuir a la profundización y mejora de los bailes de las culturas afrobrasileñas y sus significados para la educación, centrándose en los posibles diálogos entre estas dos áreas de conocimiento. La investigación se desarrolló a través de material audiovisual y fotográfico, añadido a los discursos de los investigadores que sirven como fuente de información. Utilizamos el método fenomenológico merleauPontyano inspirado en el mundo vivido para comprender los fenómenos, partiendo de la idea de que el cuerpo, el gesto y el conocimiento siempre están en movimiento. Finalmente, creemos que estas experiencias vividas en el contexto escolar desde el universo de la cultura, el arte y sus simbologías se muestran como un rico campo de experimentación y diferentes perspectivas de realidad sociocultural para los sujetos, siendo esta una de las tareas de la educación.

Palabras clave: Danza, Cultura, Educación.

A dança do lundum e seus significados: um diálogo entre dança e educação.

Introdução

De acordo com Gusmão (2008) os movimentos culturais são importantes em nossa história desde a antiguidade, pois este, diz respeito ao conhecimento e estão relacionados ao nosso modo de viver, destarte, esses movimentos ficam impregnados na cultura de um povo, escrevendo assim, sua história. Isto posto, podemos dizer que a educação humana em sua totalidade se origina e perpetua através de sua cultura, a mesma que serve para adaptar comunidades humanas ao seu meio, abrangendo todas as formas de comunicação e expressão do homem.

A cultura está no cotidiano de cada indivíduo, a partir de manifestações como mitos, lutas, contos, cultos, provérbios, canções, adorações, danças, iguarias, adivinhações, jogos, estando também na escola, na rua ou em qualquer lugar, e isso tudo numa constante renovação. Geertz (2008) acredita que a cultura é formada por construções simbólicas, os significados contidos num conjunto de símbolos compartilhados. Para ele, “a análise cultural é intrinsecamente incompleta e, o que é pior, quanto mais profunda, menos completa” (GEERTZ, 2008, p. 39).

Assim, cultura é o conjunto de experiências humanas adquiridas pelo contato social e acumuladas pelos povos através dos tempos. Nesse sentido, falar de cultura é pensar nas ideias dos coletivos humanos e dos indivíduos nas suas mais variadas maneiras de viver, ser, fazer, pensar, sentir, simbolizar e imaginar as sociedades humanas. Portanto, em conformidade com Santos (2006, p. 08), “cultura diz respeito à humanidade como um todo e ao mesmo tempo a cada um dos povos, nações, sociedade e grupos humanos”.

No processo de identificar o indivíduo ou o grupo e diante da importância do enriquecimento cultural, do ensino de práticas corporais para os alunos, a BNCC (BRASIL, 2017) ressalta que a Educação Física permite o enriquecimento das experiências de indivíduos de todas as faixas etárias de idade, por meio do acesso, a um amplo universo cultural, elencando ainda três elementos fundamentais às práticas corporais, sendo eles: movimento corporal como elemento essencial; organização interna, atrelada por uma lógica específica e produto cultural vinculado ao lazer/entretenimento e/cuidado com o corpo e a saúde (BRASIL, 2017).

Dentro dessas perspectivas e como conteúdo da Educação Física, temos a dança que “comunica saberes diversos que estão inscritos em cada gesto, em cada movimento, em cada expressão daqueles que dançam, [...] e em cada espaço para ela organizado”.

(MEDEIROS, 2016, p. 10). Entendida como uma arte que vive nesse mundo inesgotável de sua linguagem e de si mesma e onde os significados conservam uma dinamicidade diante de um novo olhar que reveste as coisas, produzindo, assim, um novo sentido diante do que é visto.

Sendo assim, possuímos em nosso País diversas danças populares que segundo Nóbrega (2000 *apud* Medeiros, 2017) correspondem a textos corpóreos constituídos de um vocabulário de gestos criados para transmitir acontecimentos, símbolos, entre outros, transcrevendo a cultura de um povo com seus próprios códigos marcadores de sua história. Elas são repletas de movimentos e frases gestuais que se comunicam com elementos do espaço, do tempo e da energia.

Dessa maneira, as danças populares estão inseridas em um contexto como prática corporal e cultural. Sua importância vai além do conhecer a cultura, movimentar o corpo e reproduzir as tradições culturais da comunidade. Ela vem para provocar discussões sobre os sentidos do que é retratado, do que foi vivido na época em que aquela dança foi criada e do que representa para aquele povo. Ela é um elemento fomentador do cidadão crítico. Como Zumthor (2010) nos elucida busca-se, com efeito, a criação de laboratórios de experimentação pertinente para se aproximar dos fatos culturais que podemos observar.

Ainda de acordo com autor supracitado a importância que a cultura representa em um povo é capaz de formar a identidade do mesmo, acabando por se tornar a principal herança e representando um conceito amplo dos conjuntos de tradições, crenças e costumes de determinado grupo social e ainda é repassada através da comunicação oral ou imitação às gerações seguintes (ZUMTHOR, 2010).

Diante disso, podemos identificar que algumas danças populares paraenses, ainda necessitam de estudos aprofundados para disseminar seus saberes, visto que identificamos poucos estudos na atualidade relacionados às essas outras manifestações. Partindo desse contexto, o objetivo do artigo é refletir sobre os sentidos da dança do lundum, em seus aspectos culturais e simbólicos, no sentido de contribuir para o aprofundamento e a valorização das danças das culturas afro-brasileiras veste a obrigatoriedade desses estudos nos currículos escolares.

Tal estudo se justifica pela vontade de aprofundar esses conhecimentos e inaugurar outros, além de trazer informações contemporâneas, devido à dificuldade em encontrar

A dança do lundum e seus significados: um diálogo entre dança e educação.

materiais sobre esta manifestação. A reflexão sobre esta dança contribui também para a Educação Física no sentido de ampliar o conhecimento sobre essa cultura de movimento e expressão artística, que possui saberes próprios, considerando-a enquanto conhecimento da cultura do movimento, não se restringindo apenas à técnica do movimento, mas também à linguagem sensível dos gestos, no entrelaçamento entre corpo, símbolo e cultura que amplia a maneira de se pensar a dança-educação.

Para o desenvolvimento do presente artigo tivemos como base metodológica um estudo qualitativo nos apoiando nas concepções do método fenomenológico de Maurice Merleau-Ponty (2011) por “compreendermos que seu pensamento se coloca como referência significativa para os caminhos da reflexão epistemológica da corporeidade em diálogo com outros desdobramentos” (NÓBREGA, 2010, p. 36).

A Fenomenologia, nessa continuidade, propõe estudar as essências, repondo-as na existência, como reconhece Medeiros (2016) fundamentada nos pensamentos de Merleau-Ponty: “nessa relação com o mundo o corpo vai aprendendo os vários sentidos da existência” (MEDEIROS, 2016, p. 12).

Nóbrega (2010) interpreta a fenomenologia como sendo a atitude de relação com o mundo da experiência vivida, com o intuito de compreendê-la. Esta compreensão não é uma imitação mental do mundo, mas, sim, envolvimento que possibilita a reflexão, a interpretação e a vivência.

Neste cenário fenomenológico, todo o universo da ciência é constituído sobre o mundo vivido, sendo esse uma relação entre nossas experiências com a experiência do outro e vice-versa como possibilidades de novas formas de elaboração do conhecimento, pois “tudo aquilo que sei do mundo, mesmo por ciência, eu o sei a partir de uma visão minha ou de uma experiência do mundo sem a qual os símbolos da ciência não poderiam dizer nada” (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 03).

Posto isto, a fenomenologia utiliza-se das técnicas de: descrição, redução e interpretação/compreensão do fenômeno investigado.

Neste sentido, lançamos o nosso olhar para o Balé Folclórico da Amazôniaⁱ, com o objetivo de refletir sobre os sentidos da dança do lundum, no sentido de contribuir para o aprofundamento e a valorização das danças das culturas afro-brasileiras. A princípio descrevemos todo o momento que acontece o epílogo do Lundum. Após a descrição, voltamos nossos olhos como configuração de depositar uma trégua as explicações prévias

do fenômeno, no sentido de buscar o inesperado (MERLEAU-PONTY, 2011), pois a descrição configura a forma de um texto à espera de interpretação, onde ocorre a experiência da qual são destacadas as unidades de significados.

Ressalta-se que para chegarmos a esses significados, recuamos nossa visão para outra atitude importante na pesquisa fenomenológica que é a redução como um artifício de interrupção sobre qualquer explicação ou crença existente sobre o fenômeno, ainda que não se possa esquecer que a maior característica da redução fenomenológica é que esta nunca é completa, exatamente pela vida temporal intrínseca ao homem. Porém “precisamos abster-nos delas temporariamente” (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 10) para olharmos por outros ângulos e criar enfim sentidos e significados para o fenômeno investigado.

Nessa trajetória da pesquisa fenomenológica, a rede de significados apresenta-se como técnica para a compreensão dos fenômenos, nesse caso, a relação entre corpo, expressividade e sensibilidade, por meio da dança, no intuito de possibilitar uma aproximação com os sentidos e os significados que emanam do fenômeno a partir de vários tipos de registros, “uma vez que a rede de significados não pode mais ser vista como uma capa, ela possui profundidade e mostra possíveis engendramento das vivências” (BICUDO, 2000, p. 127).

Assim, lançamos o nosso olhar para os registros das cenas e de fotos do espetáculo “dançares amazônicos” do Balé Folclórico da Amazônia, gravado, no Teatro Margarida Schivasappa onde foram escolhidas, as cenas do Lundum. Por fim, apresentamos a contribuição no processo de disseminação da cultura afro-brasileira, criando significados dessa dança enquanto fonte infinita para a Educação e ratificando a importância da vivência das diferentes expressões, técnicas e estéticas da dança norteando uma estruturação como prática educativa de modo geral.

Corpo, danças populares e a cultura paraense

O corpo é a nossa condição de existência e é por meio dele que nos fazemos presente no mundo. O corpo humano e as experiências vivenciadas contribuem para maneira de pensar e a forma de agir do indivíduo com isso influenciando na sua visão de mundo e sua atuação sobre o mesmo. É como o corpo que nos expressamos, nos relacionamos com os outros, com objetos e que percebemos o mundo a nossa volta. Desta

A dança do lundum e seus significados: um diálogo entre dança e educação.

forma, o sujeito deverá procurar entender e conhecer o seu corpo por meio do movimento, propiciado pelo ato de dançar. Observando e percebendo o seu corpo e o corpo dos outros, sem medos ou frustrações.

O movimento corporal deve acompanhar esse pensamento abrangente que se tem na corporeidade, pois ele é composto por vários significados e intencionalidades, percebemos que devemos levar em consideração as características individuais quando tratamos do corpo, pois ele é a origem das aquisições cognitivas, afetivas, sociais e físicas e é por meio desse corpo que nos comunicamos e estamos presentes no mundo. “O movimento deve ser entendido para além do simples fato de se deslocar, pois o movimento do ser humano é permeado por intencionalidade e se estabelece como fundamento da unidade dos sentidos” (MERLEAU-PONTY, 2011. p. 292).

A linguagem do corpo através da dança desenvolve as diferentes possibilidades do movimento corporal, que exige desde a descoberta do próprio corpo como via de sua sensibilização, vivência e conscientização, até aos elementos afetivos e sociais que ajudam no conhecimento de si próprio, do corpo, e de suas limitações na interação com o meio, conduzindo o indivíduo na busca do novo e não apenas na submissão do já pré-estabelecido, enraizado e massificado pela sociedade, ou seja, percebe os aspectos do corpo e suas inter-relações.

Na dança, o movimento se faz gesto e compõem relações espaciais e temporais inusitadas, cria fluxos, intensidade de uma cartografia do visível que a dança nos propicia em sua relação com o corpo, o espaço, o tempo, o movimento (NÓBREGA, 2015. p. 121).

Neste sentido, para compreendermos as danças populares é preciso, antes de tudo estudarmos a história da formação do povo brasileiro, os seus conceitos e as suas origens e os sentidos daquela dança. Deve posteriormente, seguir com um trabalho de sensibilizações de técnicas, ritmos e movimentos e após isso, trabalhar as possibilidades expressivas artísticas, assim como buscar no corpo, instrumento de apresentação e transformação do que foi e é dançado até hoje (NÓBREGA, 2015).

Muito das danças populares vem através da oralidade, por exemplo, muitas letras de músicas nunca estiveram no papel, que a maior parte das letras a gente guarda na cabeça e vai reproduzindo muitas das vezes em aulas, por memória e acaba esquecendo de transcrever no papel. Muitas das vertentes que lemos ou escutamos, às vezes só um grupo no Brasil inteiro que faz e muitas dinâmicas que só dois fazem. Então, são coisas que

devemos lembrar: A cultura popular ela é uma cultura local, onde possui muitas difusões de vários elementos. Quase todos os elementos da nossa cultura, das danças brasileiras possuem um cunho que vem da parte da religiosidade, o que às vezes assusta bastante algumas pessoas. Mas pelo fato de essas práticas populares se misturarem com magia restaria a esclarecer outros apontamentos que demonstram não apenas uma experiência religiosa autêntica, mas uma compreensão geral do homem e do mundo (ELIADE, 2016).

Para Loureiro (1995, p. 52) depara-se, assim, na Amazônia, como uma cultura de fisionomia própria que é marcada pelas peculiaridades estetizantes significativas, com predomínio de componentes indígenas, mesclados de caráter negros e europeus, cujo ator social e agente principal é o caboclo, tipo étnico resultante da miscigenação do índio com o branco, europeu ou não e cuja força cultural tem origem na forma de articulação com a natureza.

Dentre as práticas corporais o discurso das danças dessa região podem ter vários sentidos e significados de acordo com seu praticante e seus ritmos, região, local e momento em que ela esteja sendo praticada, entendida como elemento cultural desse povo. Então não existe um conceito e nem um significado específico, pois são inúmeras as diferenças entre os locais e praticantes da dança. Ela produz algo que simplesmente está ali e entender sua ideia é sempre uma nova experiência, na qual sua significação, expressividade e articulação, serão julgadas “segundo nossa experiência de suas revelações” (LANGER, 2011, p. 257).

A história do Lundum

No Brasil, a cultura afro-brasileira surge com os primeiros africanos traficados via atlântico que aqui chegaram e que, em contato com a cultura indígena e europeia do colonizador, instituem uma cultura híbrida, rica em sincretismos. Como afirma Salles (2015, p. 26) em seus textos “Não se pode considerar desprezível a contribuição cultural africana na Amazônia. Essa contribuição se manifesta nos folguedos populares, na culinária, no vocabulário, enfim nos vários aspectos do folclore regional”. Sendo assim, os negros africanos que por sua força natural trouxeram para o Brasil uma vasta forma de se movimentar com muitos giros e gingados dando essa diferenciação da dança, para com os outros dois grupos sociais.

Presente na cultura paraense, o Lundum, é uma dança de origem africana atribuída aos negros Bantos dos países prováveis Angola e Congo (Ramos *apud* Salles, 2015) trazido

A dança do lundum e seus significados: um diálogo entre dança e educação.

ao Brasil por meio do sistema escravocrata e é tido como a primeira manifestação cultural musical afro-brasileira.

[...] Espécie de samba de roda, dança e canto comum em todo Brasil desde o séc.XVIII. Popular e folclórico, o lundum abrange extensa área geográfica na Amazônia. Pode-se afirmar que, entre as danças brasileiras de origem africana, é o lundum a de maior penetração no vale amazônico. (SALLES, 2015, p. 210).

Tornou-se bastante conhecida em Lisboa no século XVI, sendo considerado um ritmo dominante e aceito pelos brancos até o século XIX. Por volta de 1780 tinha sido “apelidada de dança silenciosa e indecente”, pois tinha como base um certo gingado evidenciado pela umbigadaⁱⁱ, seus rebolados e outros gestos que imitam o ato sexual. Por causa desse efeito durante o início do século XX fora proibida por D. Manuel ao ser ‘contrária aos bons costumes’. “Essa dança foi censurada pela Igreja e proibida pelo estado Brasileiro, por ser de origem negra e, devido ao movimento de êxtase corporal, foi estereotipada imoral aos padrões sociais daquele período” (MAUÉS; COSTA, 2016, p.31).

Atualmente, ainda é praticada especificamente na Ilha do Marajó, no Pará, porém sua (re)criação traz uma inovação em sua linguagem no formato performático da expressão corporal, estabelecendo-se caracteristicamente marajoaraⁱⁱⁱ. A dança em questão simboliza um convite que os homens fazem às mulheres “para um encontro de amor sexual” desenvolvido com movimentos ondulatórios de grande volúpia, apresentando rebolados e manuseios dos quadris evidenciando a sensualidade da dança. No início da trama, as damas recusam-se a acompanhar os homens, mas diante de grande insistência, eles terminam conquistando as mulheres as quais saem do salão dando ideia do encontro final.

O caráter sensual da dança é um dos pontos que distingue seus compassos vivos e coreografia exultante. E os versos se caracterizam por um sentido lírico, erótico, satírico, comentador da vida cotidiana e não raro crítico. O lundum possui enfim uma dinâmica que lhe é muito peculiar. (SALLES, 2015, p. 210).

Esse registro apresenta, nitidamente, o modo como o lundum ele era dançado, os seus gestos expressivo-corporais, os seus trejeitos. A partir disso, percebemos a importância dessa dança popular que advém dessa junção de vários povos africanos, de ritmos, crenças, louvores etc., e de elementos que passariam a ser marcas de um povo, sobretudo, na espontaneidade de seus costumes conhecidos como a cultura popular afro-brasileira e que nos revelam também uma construção de teias de significados para a educação como veremos a seguir.

Dança do lundum paraense e suas teias de significados para a educação

Aos trinta e três minutos da apresentação do espetáculo, nos deparamos com um batuque no atabaque^{iv} e chocalho dos maracás^v dos músicos, observa-se a entrada de um corpo feminino; uma moça morena com seus cabelos pretos na altura de suas costas, vestida com uma saia nas cores rosa e branca até os pés e uma blusa de alça apenas toda recortada em tiras e uma tiara na cabeça, configurando-se isso tudo como um exemplo forte de adaptação cultural.

Na sequência da cena, a moça adentra através de rodopios pelo palco e parando no centro, e a partir desse momento faz um rebolado bem voluptuoso girando em torno de si e passando a mão pelo seu corpo, sugerindo um convite sexual a alguém. Como os gestos eram muito sensuais, e o uso dos quadris, exagerado, a dança permite ao espectador as mais variadas interpretações relacionadas ao seu significado, desde a simples e inocente visão de uma dança de negros, até a mais pecaminosa de todas as imagens.

Logo após, observamos um rapaz moreno de corpo esbelto, usando apenas uma calça branca e um chapéu pendurado por um fio em suas costas anunciando sua chegada e olhando bem fixamente para a dama, a qual, descrita anteriormente, dança. A mesma continua a se requebrar com seus gestos fortes e nem presta atenção àquele homem, o qual tenta impressioná-la. Ela o olha por cima dos ombros, com certo cinismo e ao mesmo tempo com extrema superioridade, como se dissesse “eu te quero”, mas sempre negando esse querer. Ela se oferece e, quando ele chegou próximo, afastou-se, obrigando-o a ir ao seu encalço.

Nesse momento, parece que os dois estão conectados, pois ambos fazem o mesmo requebrado com as pernas afastadas e os braços abertos alongados no ritmo que a música continua a tocar. Após, levantam-se, e o moço bate três palmas, parece que ficariam entrelaçados a partir dali, e ambos começam a dançar entre si, com seus troncos adotando movimentos de se lançar mutuamente em direção ao seu par, rodopiando entrelaçados e se afastando novamente. Logo em seguida, ficam um de frente ao outro, e começa, a partir desse momento, o requebrado de ambos olhando um para o outro fixamente, como se a mágica do casal se desse de um primeiro encontro romântico.

Em seguida, eles correm na mesma direção e se abraçam e o homem a segura com bastante força e a moça nesse momento joga seu corpo para traz como se fosse desmaiar

A dança do lundum e seus significados: um diálogo entre dança e educação.

com o braço na cabeça, retornando logo em seguida e encostando seus corpos uns nos outros. A moça passa a acariciá-lo com as mãos e ambos continuam a se requebrar e entrelaçar as pernas.

A música começa a se tornar mais forte e em um dado momento o homem vira a sua dama de costas e continua a abraçá-la bem junto, e começam a se tornar praticamente um só corpo, quase se preparando para um ato sexual de um casal. As mãos se tornam mais firmes, o rebolado mais intenso, o corpo se torna mais solto como se tivesse tido o sim da moça para com o seu cavalheiro, e eles, a partir daí, dão início a um romance que chegaria até a cama.

Na sequência da cena, eles se soltam, rodopiam pelo palco, ficam de costas um para o outro, mas não conseguem mais se desgrudar, e é então que eles se olham novamente, chegam juntos, e se abraçam, e a moça levanta a sua perna como se fosse o tão sonhado sim ao moço, finalizando o epílogo do Lundum.

Foto 01: Bailarinos representando a sensualidade da dança do *Lundum*.



Fonte: Acervo pessoal do Balé Folclórico da Amazônia (2018).

Existem registros, como os sistematizados por Salles (2016), relatando que, além de sensual, a dança do lundum é sexual, como podemos ver na Foto acima. Informam que o objetivo da dança é a conquista da mulher pelo homem, através de suas expressões corporais, em que o requebro dos quadris é bastante acentuado, como se fosse um convite à cópula, pois “permitia que os escravos reunidos pudessem identificar as mulheres, e as mulheres identificassem os homens, que ali estavam propostos parceiros para uma noite de sexo” (MAUÉS; COSTA, 2016, p. 80).

Com base nessa descrição, tivemos uma leitura da expressão corporal praticada pela manifestação herdada de gerações passadas, além de ser cultivada com registros ínfimos do nosso conhecimento, como é o caso do Lundum. Estas manifestações simbolizam um espaço de revitalização e difusão para integrar os negros traficados, advindos de diferentes regiões e etnias da África, organizando-os socialmente onde só lhes restavam o corpo e a oralidade para revalorizar e transmitir suas tradições através das múltiplas manifestações.

Com o passar dos tempos, [...] pela remodelagem dos movimentos de luta e resistência dos escravos negros africanos no Brasil, a dança do lundu passou a ser praticada nos salões das elites, como lundu-canção. A dança ganhou outra fisionomia diante da diversidade escravocrata brasileira. [...] Isso mostra que há uma diversidade de apresentações do lundu pelo Brasil, como forma de resistência cultural dos africanos por meio do sincretismo (MAUÉS; COSTA, 2016, p. 31).

Alerta-se para o fato de que muitas das nossas manifestações culturais deixadas por nossos ancestrais desde a época da colonização estão perdendo suas características originais, por não serem divulgadas, e estão sendo esquecidas. Outras, no entanto, devido ao passar dos anos e para acompanhar a modernidade, estão recebendo novos significados para agradar aos olhos de quem assiste, trazendo uma nova linguagem na sua postura performática de expressão corporal.

Essa compreensão de dança dialoga com os estudos de Lara (2008), pois é necessário haver pesquisas que reconheçam a cultura que a produziu e a mantém como expressão de identidade de matriz afro-brasileira, em que podemos criar novas possibilidades do trabalho com a cultura afro-brasileira e sua materialidade corporal no campo da educação, propondo sua inclusão a partir de temas geradores, educando os sujeitos como corpos dançantes contribuindo para a diminuição do preconceito racial e o reconhecimento do outro.

Uma parcela desse mosaico de culturas chega até nós e traz consigo vários instrumentos culturais que vão se imbricar na nova realidade. A grandeza de percebermos que a “imensa variedade cultural contrasta com a unidade da espécie humana” (LARA, 2008, p. 62) representa que nessa diversidade somos um único País. A cultura, então, é tudo ao que o homem está relacionado, ou mesmo condicionado. É sua realidade, seu mundo, desde o nascimento, o que leva a dizer que o seu comportamento vai estar diretamente ligado ao seu aprendizado, suas ações vão ser balizadas pelo modelo de educação recebida,

A dança do lundum e seus significados: um diálogo entre dança e educação.

pelo processo pelo qual o indivíduo se torna membro de uma cultura a partir da absorção de seus elementos construtivos.

Sempre que apreciamos a apresentação africana na formação brasileira, o que logo chama a atenção é a combinação de elementos entre as culturas negra e branca. A plasticidade social do Brasil se caracteriza a partir dessa simbiose. Então, a cultura afro-brasileira deve ser entendida como a forma de ver e interpretar o mundo dos homens sem sermos etnocêntricos, não construindo barreiras em que se diz qual a melhor ou a pior forma de se ver o mundo. Ser etnocêntrico é o mesmo que construir conflitos sociais, preconceitos, intolerância, e é o mesmo motivo pelo qual os negros, tido como sem cultura ou como cultura inferior, foram usados, escravizados e de certa forma aculturados, pois foram tirados de suas relações simbólicas naturais, sendo obrigados a se ajustar à nova realidade a eles imposta.

A partir da obra de Carlos Alberto Torres (2001), estabelecemos, então, uma discussão a respeito desse multiculturalismo, refletindo a respeito de seus aspectos educacionais e culturais como objetivo a ser alcançado para a construção da igualdade entre as diferentes culturas presentes em nossa sociedade. Variam desde o aspirar pelo fortalecimento individual até o alcançar reformas sociais (por exemplo, cultivar nos estudantes atitudes, valores, habilidades, hábitos e disciplina para que se tornem agentes sociais comprometidos, com o fim de erradicar as disparidades sociais, as opressões racistas, sexistas e classistas, e com isso melhorar a igualdade das oportunidades educacionais e ocupacionais para todos).

Para a Educação, essa sensibilidade de ver e perceber dos alunos se torna importante ferramenta de conhecimento, estabelecendo a interação professor-aluno. Com isso, as questões culturais devem ser estudadas, pois a metamorfose de um povo também é cultural, além de seus desdobramentos, políticos, sociais e econômicos.

É um fato interessante observar que diferentes povos e culturas possuem hábitos, comportamentos e expressões corporais específicas. São várias as determinações constituídas pela cultura que dificultam a formação do povo em cidadão, entre elas: as raças, as religiões, entre outras. Assim, é percebido que a dança e as análises corporais podem ajudar nessa consciência de si.

A dança expressa no corpo formas de experimentações com as mais variadas culturas, permitindo explorar, a partir dos símbolos, os saberes míticos, sentimentais

religiosos, perceptivos e representativos de uma ancestralidade cuja referência é marginalizada na história brasileira marcada pelo racismo, e, por isso mesmo, as proposições, como conhecimento da Educação, tornam-se um campo de conhecimento com potencial de romper paradigmas conservadores que mantêm as relações eurocentradas e monoculturais na escola.

Pensar nessas composições artísticas e culturais do conteúdo da Educação Física, para a Educação, é colocar em funcionamento algo criativo, com novos arranjos para os conhecimentos existentes; é desmontar o pensamento acabado, único e universal, abrindo margem para múltiplas possibilidades de expressões corporais, um conhecimento que fala através do corpo e interroga o que se idealiza como verdade, algo que almeja ir além do estabelecido e fundado, para experimentar suas outras múltiplas combinações rítmicas e performáticas. Trata-se de um entendimento educacional que permita ressignificar, criar e reelaborar novas formas de pensar a cultura e os símbolos emergidos em nossa sociedade como artifício de afirmação das diferenças e das potencialidades sociais individuais e coletivas através da arte.

Mergulho ainda mais nas discussões do educar para a cidadania que tem por obrigação revitalizar esses elementos marginalizados de nossa memória, como cultura presente em nosso universo multicultural, trazer a diversidade para dentro da sala de aula e aprimorar nosso olhar sobre nós mesmos. No Brasil, dentre as ações afirmativas que já estão em curso temos a Lei 10.639/03, que torna obrigatório o ensino de História e Cultura africana e Afro-brasileira nas instituições de ensino, conforme as seguintes atribuições:

Art.26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira.

§1º O conteúdo programático a que se refere o caput deste artigo incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica, política pertinente à História do Brasil. (BRASIL, 2008).

Nesse sentido, projetos voltados para a dança em diversos ambientes propiciam analisar suas contribuições nas atitudes de respeito, transformações, fortalecimento da cultura e identidade, dando visibilidade para o enfrentamento do preconceito e do racismo.

A formação cultural do professor é imprescindível, pois a aprendizagem só ocorre mediante a assimilação ativa do aprendiz ao objeto conhecido, porque, segundo Lavee e Wenger (1991),

A dança do lundum e seus significados: um diálogo entre dança e educação.

(2003), esse conhecimento parte principalmente da produção histórico-social de conhecimentos nas diferentes culturas, âmbitos irrefutáveis na vida das pessoas, impulsionando a abordar discussões diante da diversidade, da etnia, entre outros, para que esses conhecimentos estejam pautados principalmente nos códigos visuais e estéticos que devem ser o ponto de partida para as dimensões culturais e sociais, impulsionadas pelos usos dessas simbologias.

Entretanto, defendo que refletir sobre questões a respeito dos traços fenotípicos da negritude implica uma reflexão mais ampla sobre o corpo, que é cada vez mais entendido como uma categoria social. Le Breton (2007) defende que o corpo é um traço de nossa identidade social que nos posiciona de determinado modo na sociedade.

Com isso, identidade cultural e Educação estão permeadas pelas diversas relações sociais, pois vimos que a Educação é um fenômeno histórico e social, carregado de significados culturais, que demonstram sua função na formação dos sujeitos. E a partir desse olhar percebemos que Cultura não é um conjunto de práticas, objetos ou textos fixos, nem um conceito pronto e aplicável a qualquer período histórico. É algo que precisa sempre ser contextualizado e pensando a partir de alguma experiência social e cultural, seja no passado, seja no presente.

A cultura é uma construção coletiva, abrange um determinado grupo de população que apresenta certas características que lhe são peculiares, abrangendo determinados conhecimentos, ideias e crenças e que são reconhecidas nesse determinado seio social (MEDEIROS, 2016, p. 51).

A compreensão da dança como potencial para a educação das relações étnico-raciais encontra sustentação em Lara (2008), pois é necessário haver pesquisas que reconheçam a cultura que a produziu e a mantém como expressão de identidade de matriz afro-brasileira. É preciso destacar, contudo, que os negros nunca se conformaram diante da condição de escravos. Em sua maioria, se rebelaram, lutaram e sofreram com os castigos impetuosos resultantes das fugas e das desobediências. E é nesse sentido que buscamos discutir e compreender a diversidade e as inquietações destes que são atores de um espaço social e cultural e que buscam ser representados dentro de suas próprias alteridades.

Encontrar linguagens dos aspectos afro-brasileiros, a partir de um diálogo e adaptações que acreditamos ser aceitável por meio dessa dança onde possa originar uma prática pedagógica que acenda a ação e a reflexão do sujeito sobre a realidade em que vive, viabilizando o desenvolvimento cultural, fundamento tanto na Educação Física, na Arte

como na Educação, considerando-a como uma linguagem e também como um ato educativo em sua relação com o corpo, expressividade e educação.

Compreendemos a centralidade do corpo no trabalho do professor, sendo este lócus da educação na qual se inscrevem as dinâmicas relações humanas que produzem sentidos e significados e se reproduzem no conflito e na resistência. As teorias das relações raciais e a compreensão do racismo como fenômeno estrutural da sociedade brasileira têm lugar no âmbito da Educação Física, uma vez que a mesma busca contornar esses problemas históricos pautando em práticas corporais para a educação intercultural, sendo esta uma possibilidade de o professor de Educação Física contribuir para inscrever outras práticas sociais pela ética e pela estética que marcam corpos e constituem identidades dos alunos.

Daólio (2007, p. 02) descreve que até pouco tempo “o corpo era somente visto um conjunto de ossos e músculos e não como expressão da cultura”. Hoje, mediante essa polêmica, o autor concorda que o tema ganhou espaço nos últimos vinte anos – sendo assim, é possível transferir conhecimentos locais e ampliar esses conhecimentos advindos das vivências e práticas cotidianas acumuladas ao longo das histórias de vidas.

Com isso, é no corpo que a pessoa se funda e concretiza identidades culturais, pois estas se solidificam na incorporação de gestos, movimentos e rituais que caracterizam o sujeito-ser coletivo. É o corpo como pessoa que se manifesta na dinâmica da vida e surge como sujeito que existe e aparece de uma determinada forma e não de outra. É esse corpo que está presente na educação, corpo que não é mecânico, mas sim um corpo vivo, que deseja, que fala, que guarda e conta uma história, do indivíduo ou coletiva, corpo que expressa existência. Entendo também que o corpo tem essa dimensão simbólica. Ao se movimentar, ele instaura uma intencionalidade e uma expressividade pessoais, uma fala do sujeito que se mostra sensivelmente pelo gesto, pelo símbolo. Essa linguagem sensível tem muito a contribuir na busca de a Educação Física ser uma Educação Humana.

O corpo carrega consigo um acervo vivo de hábitos, crenças, costumes, o modo de vida da comunidade. Em suas lendas, visualizam-se seus feitos e suas canções, que trazem as lições de vida e sentidos atribuídos pela transmissão oral e pela linguagem do corpo vivido na prática social. Desse modo, os conhecimentos da dança fundamentam a importância de efetivar ações transformadoras na Educação Física a fim de penetrar no universo das representações de alunos e professores no sentido de descobrir os significados

A dança do lundum e seus significados: um diálogo entre dança e educação.

de suas práticas, lutas, resistências vividas coletivamente, assim como reveladoras nas individualidades.

A educação como um todo busca o processo de formação integral do ser humano e tem na Educação Física um mecanismo capaz de agregar o conteúdo teórico, epistêmico e sistemático, a valorização do conhecimento e experiências dos educandos nos conteúdos da Educação Física. Compreendemos a prática corporal na Educação Física como possibilidade de descobrir maneiras de desvelar preconceitos raciais, religiosos e outros que são propagados no imaginário coletivo pelas mídias, imagens e estereótipos que levam à alienação e ao afastamento da cultura que identifica o aluno e a aluna com seu contexto familiar, comunitário e histórico, pois busca compreender a realidade de uma perspectiva crítica do Ser (pessoa-corpo) na inteiração social e nos processos de formação.

Considerações finais

A partir das descrições e compreensão da cena do Lundum do Balé Folclórico da Amazônia, retomamos aos nossos objetivos que versaram sobre os sentidos culturais e simbólicos, dessa dança, que revelam horizontes educativos, sendo, portanto importante o seu trato na escola, em específico na educação física.

Acreditamos que o Lundum tem como elementos culturais uma forma musical dominante no Brasil, no século XIX, por ser o primeiro ritmo africano a ser aceito pelos brancos, ainda conhecido na forma de batuque africano. Sobrevivendo como música de resistência nos encontros e folguedos secretos dos escravos, possuindo em sua dança e canções traços característicos de suas expressões típicas da cultura africana como observamos na chamada umbigada. Além de todo o seu aparato rítmico, percussivo e coreográfico, o que também foi podado pela burguesia, sofrendo alterações ao entrar em contato com outros ritmos e danças, sendo considerado um verdadeiro atentado ao pudor, devido à malícia, ao erotismo e à sensualidade.

Visualizamos que os elementos culturais da dança do Lundum associam-se a uma expressão corporal regida por um conjunto de elementos como as lendas e as festas, destacando a partir dessa manifestação o modo de viver dos negros. Tornando-se visível também identificar certos aspectos dessa representação cultural do nosso estado do Pará, como rituais e histórias que representam as experiências partilhadas como forma de identificação desse homem afro-brasileiro.

Sobre o universo simbólico revelado na dança do lundum do balé folclórico da Amazônia, percebemos: o batuque africano, a sensualidade peculiar na forma de dançar, e também a aparição do sagrado e profano que são importantes elementos para que os sujeitos possam compreender essa cultura, como resultado da projeção de um universo de múltiplas diferenças. Afinal, “a educação como prática simbólica reúne sentidos e significados constantemente reatualizados como percebemos nas diferentes maneiras de dançar” (MEDEIROS, 2016, p. 73).

Diante dos elementos culturais e simbólicos, que são revelados na dança do lundum, como evidenciados na coreografia do Balé Folclórico da Amazônia acreditamos que a Educação física deve atentar a não só ensinar os passos das diferentes danças, mas, também os seus dizeres culturais, que são revelados em seu contexto, nos movimentos, nos personagens das danças e também em seus símbolos. Pois, acreditamos que uma das tarefas da educação em geral e da educação física, em específico, é a inserção dos indivíduos no universo da cultura, da arte, das simbologias.

Mediante todo esse contexto educacional sendo a Educação Física uma disciplina trans. e pluridisciplinar não se pode deixar de inserir questões da multiculturalidade nos conjuntos de informações individuais da educação, uma vez que este ambiente, no caso, as salas de aula, são o cotidiano da vida daquele corpo. Neira (2008, p. 81) ressalta: “A existência de alunos com diversas heranças culturais obriga a escola a adaptar seu currículo às culturas que acolhe”. Sendo assim, a escola precisa dar voz e espaços às culturas historicamente excluídas do processo educacional.

A partir das verbalizações e dos achados como a reflexão sobre sua história, a aquisição de conhecimentos e experiências respeitando as diferenças do próprio corpo e o corpo do outro, além da aquisição de conhecimentos de outras culturas podemos entender que esses símbolos da cultura afro-brasileira citados na dança do lundum fará com o que o aluno tenha o conhecimento da diversidade sociocultural que cerca os indivíduos; e das multiplicidades de símbolos que permeiam essas culturas.

Assim, a compreensão de valores produzidos por essas culturas favorece a capacidade de perceber a realidade a sua volta, seu cotidiano mais vivente a partir das formas e dos objetos que cercam tais culturas, com o exercício da crítica, o que pode criar condições de revelar os modos de educar, perceber, sentir e articular valores e significados

A dança do lundum e seus significados: um diálogo entre dança e educação.

que fazem parte dos diferentes tipos de relações entre os indivíduos em uma determinada sociedade sendo esta, portanto, uma das tarefas da educação.

Referências

BICUDO, Maria Aparecida Viggiani. **Fenomenologia confrontos e avanços**. São Paulo: Cortez, 2000.

BRASIL. **Lei nº 10.639, de 09 de janeiro de 2003**. Dispõem sobre a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira". Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm>. Acesso em: 16 set. 2019.

BRASIL. Ministério de Educação e Cultura. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2017.

DAOLIO, Jocimar. **Educação Física e o conceito de cultura**. Campinas: Autores Associados, 2007.

ELIADE, Mircea. **Mito e Realidade**. 6. ed. São Paulo: Perspectiva, 2016.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GUSMÃO, Neusa Maria Mendes de. Antropologia, Estudos Culturais e Educação: desafios da modernidade. **Revista Pro-Posições**, Campinas, vol. 19, n.3, set/dez, 2008, p.47-82. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/pp/v19n3/v19n3a04.pdf>>. Acesso em: 02 dez 2019.

IAVELBERG, Rosa. **Para gostar de aprender arte: sala de aula e formação de professores**. Porto Alegre: Artmed, 2003.

LARA, Larissa Michelle. **As danças no Candomblé: corpo, rito e educação**. Maringá: Eduem, 2008.

LANGER, Susanne. **Sentimento e Forma**. São Paulo: Perspectiva, 2011.

LE BRETON, David. **Sociologia do corpo**. Rio de Janeiro: Vozes, 2007.

LOUREIRO, João de Jesus Paes. **Cultura Amazônica: uma poética do imaginário**. Belém: Cejup, 1995.

MAUÉS, Ivone Gaia. COSTA, Márcia Oliveira. **Sons e ritmos africanos na Amazônia: Lundu marajoara**. Belo Horizonte: Historiarte, 2016.

MEDEIROS, Rosie Marie Nascimento de. **Uma educação tecida no corpo**. 2. ed. São Paulo: Annablume, 2016.

MEDEIROS, Rosie Marie Nascimento de. Horizontes culturais e simbólicos das danças populares. In: DA SILVA, Pierre Normando Gomes; CAMINHA, Iraquitã de Oliveira (Org.).

Movimento humano: incursões na educação e cultura. Curitiba: Appris, 2017.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da Percepção**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

NEIRA, Marcos Garcia. A cultura corporal popular como conteúdo do currículo multicultural da educação física. **Revista Pensar a Prática**, Goiânia, V. 11, n. 1, jan/jul. 2008, p.81-89. Disponível em: <<https://doi.org/10.5216/rpp.v11i1.1699>>. Acesso em: 12 dez 2019.

NÓBREGA, Terezinha Petrúcia da. **Sentir a dança ou quando o corpo se põe a dançar**. Natal: IFRN, 2015.

NÓBREGA, Terezinha Petrúcia da. **Uma fenomenologia do corpo**. São Paulo: Livraria da Física, 2010.

PAVIS, Patrice. **A análise dos espetáculos**. 2.ed. São Paulo: Perspectiva, 2015.

SALLES, Vicente. **O negro na formação da sociedade paraense**. 2. ed. Belém: Paka-Tatu, 2015.

SALLES, Vicente. **Lundu: canto e dança do negro no Pará**. Coord. Jonas Arraes. Belém: Paka-Tatu, 2016.

SANTOS, José Luiz dos. **O que é cultura**. 16. ed. São Paulo: Brasiliense, 2006.

TORRES, Carlos Alberto. **Democracia, educação e multiculturalismo**. Tradução de Carlos Almeida Pereira. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

ZUMTHOR, Paul. **Introdução à poesia oral**. Trad. Jerusa Pires Ferreira, Maria Lúcia Diniz Pochat e Maria Inês de Almeida. Belo Horizonte: UFMG, 2010.

O artigo é oriundo de dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Norte e teve o financiamento da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior).

Notas

ⁱ Grupo criado no ano de 1990, a partir de uma dissidência provocada por discordâncias na forma de conduzir o trabalho partindo-se da preservação da cultura popular, com o objetivo de usar as tradições amazônicas para fazer um trabalho artístico muito mais elaborado, iniciando outra forma de mostrar as danças populares dessa região.

ⁱⁱ Figura distintiva da coreografia das variedades de samba. Nada indica, porém, que a palavra tenha qualquer relação com o umbigo.

ⁱⁱⁱ Técnicas decorativas coloridas e extremamente complexas, que resultam em peças requintadas de rara beleza, como enfeites e peças de decoração, de povos que habitam a Ilha do Marajó sendo ela

A dança do lundum e seus significados: um diálogo entre dança e educação.

a maior ilha fluvial do mundo, cercada pelos rios Amazonas e Tocantins, e pelo Oceano Atlântico. Localizada no estado do Pará, região norte do Brasil.

^{iv} Instrumento de percussão confeccionado pelo caboclo e que consiste num tronco de árvore escavado, com uma pele esticada em uma das extremidades, presa por um aro de madeira ou cipó. É o instrumento de marcação básica do conjunto de tocadores e consiste de dois ou três variando de tamanho e som. Para usá-lo, o tocador tem que sentar em cima e bater com as mãos.

^v Instrumento confeccionado da casca do coco ou cabaça munido de cabo, contendo pedrinhas, milho, grãos de chumbo etc.

Agradecimento

Agradecemos ao Grupo Balé Folclórico da Amazônia (BFAM) por ceder imagens e vídeos.

Sobre os autores

Carlos Cristiano Espedito Guzzo Júnior

Possui graduação em Educação Física pela Universidade Federal do Pará (2013), especialista em musculação terapêutica para grupos especiais (CESUPA), mestrado em Educação Física pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (2020). Atualmente, é professor no Centro Universitário Metropolitano da Amazônia (UNIFAMAZ). Tem experiência na área da Educação Física, atuando principalmente com os seguintes temas: dança, ginástica, consciência corporal. E-mail: guzzojuniorpp@hotmail.com

Orcid: <http://orcid.org/0000-0003-0457-9956>

Rosie Marie Nascimento de Medeiros

Possui graduação em Educação Física pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (2002); Mestrado e Doutorado em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (2005; 2008). Atualmente é Professora do Curso de Educação Física e do Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. É autora do livro "Uma educação tecida no corpo" e diretora artística do Grupo Parafolclórico da UFRN.

E-mail: marie.medeiros@gmail.com Orcid: <http://orcid.org/0000-0003-3984-0720>

Recebido em: 04/05/2020

Aceito para publicação em: 13/05/2020